

Comissão Temporária Sobre a Alegada Utilização pela CIA de Países Europeus para o Transporte e a Detenção Ilegal de Prisioneiros

TERÇA-FEIRA, 10 DE OUTUBRO DE 2006

2-003

PRESIDÊNCIA: CARLOS COELHO

(A reunião tem início às 9H05)

2-004

Troca de pontos de vista com Otmar Lahodinsky, jornalista, e Masaad Omer Behari, alegada vítima de entrega extraordinária

2-005

Presidente. – Caros Colegas, gostaria de dar as boas-vindas ao Sr. Lahodinsky, jornalista e redactor europeu da publicação "Profil", e ao Sr. Masaad Omer Behari, sudanês, residente em Viena, que afirma ter sido detido e torturado em Amã durante três meses no início de 2003 quando se encontrava em trânsito para Viena provindo do Sudão.

Sr. Lahodinsky, convido-o a fazer uma intervenção inicial, após o que perguntarei ao Sr. Behari se deseja, por sua vez, exprimir-se. Em seguida abrirei o debate.

2-006

Otmar Lahodinsky, jornalista, editor da revista "Profil". – (DE) Senhor Presidente, minhas Senhoras e meus Senhores, agradeço-lhes a oportunidade que nos concederam para falarmos sobre estes acontecimentos um pouco estranhos. Farei apenas uma breve introdução à história, uma vez que já lhes enviámos a cronologia dos factos: foi por mero acaso que nós, na revista austríaca "Profil", descobrimos estes casos no Verão passado, quando a comunicação social italiana noticiou a investigação sobre o caso Abu Omar.

Os senhores estão, com certeza, familiarizados com o processo: trata-se de um imã muçulmano, raptado em Milão com a ajuda directa de agentes dos serviços secretos italianos e da CIA, que foi levado para o Egipto passando por Aviano. No decurso das investigações judiciais levadas a cabo pela justiça italiana, a comunicação social deste país começou a dar conta da existência de ligações com a Áustria. Foi assim que viemos a saber que, durante muitos anos, viveu na Áustria um imã de nacionalidade egípcia chamado Menshawi, que era imã nas mesquitas de Viena e, por último, em Graz, e que também conhecia Abu Omar de Milão com quem mantinha contacto. Desapareceu da Áustria no final de 2002, um facto que só viemos a descobrir muito mais tarde através das investigações italianas.

Tentei depois, juntamente com um colega, obter mais informações sobre esse cidadão egípcio. Ele era médico, mas não exercia a profissão. Foi imã em Viena e, mais tarde, em Graz. Até era membro do conselho shura - uma espécie de conselho de leigos constituído por

representantes da comunidade leiga -, ou seja, ocupava uma posição hierárquica relativamente alta na comunidade islâmica da Áustria. Este Verão, ele ainda figurava como membro do conselho shura no sítio Internet dessa comunidade.

Em seguida, tentámos averiguar junto da comunidade islâmica se conheciam este homem e se sabiam o que era feito dele. Referimos o facto de o seu nome ainda constar do sítio Internet. A resposta que recebemos foi a seguinte: Hum, sim, houve qualquer coisa, mas não sabemos ao certo. Ele já não se encontra na Áustria. Ao que conseguimos apurar através das investigações italianas, Menshawi terá sido preso a caminho de Meca quando fazia escala em Amã, onde ainda foi interrogado, tendo depois sido transferido para o Egipto. Reparámos que, subitamente, já ninguém queria conhecer este homem. Tentámos obter informações em Graz e foi-nos dito que ele defendia opiniões radicais e que, numa eleição realizada na mesquita de Graz, terá mesmo recebido a maioria dos votos. Ao que parece, ele era uma pessoa muito popular e, ainda assim, desapareceu praticamente sem deixar rasto.

Tentámos descobrir o seu paradeiro e entrar em contacto com ele. Assume-se que, após ter permanecido em detenção durante vários meses - fala-se até de um ano - no Egipto, esteja agora em liberdade naquele país onde pôde estabelecer-se como médico sob a condição - como nos disseram os seus familiares - de não falar sobre a sua detenção e as circunstâncias em que esta ocorreu. Um breve aparte: ele foi acusado de ser membro da Jamaa Islamiya, um grupo egípcio considerado responsável por ter perpetrado ataques terroristas. Segundo ouvimos dizer, este grupo parece continuar activo, mas terá de alguma forma chegado a acordo com as autoridades e abandonou entretanto a via do terrorismo. Em Viena também nos confirmaram que este homem estava próximo deste grupo. Tivemos a sensação de que muitas pessoas - incluindo as autoridades austríacas - ficaram contentes por ele já não se encontrar na Áustria. Também tentámos saber junto das autoridades austríacas qual seria o seu paradeiro, ao que nos responderam que ele era cidadão egípcio e que não teriam competência para tratar do desaparecimento de cidadãos estrangeiros residentes na Áustria - independentemente das circunstâncias em que tenham desaparecido.

Foi mais ou menos por essa altura - no Verão - que tive conhecimento do caso de um cidadão sudanês, o Sr. Behari, que hoje está sentado ao meu lado. Conheci-o no Verão. Ele irá contar aqui o que lhe aconteceu. O interessante é que ele voltou para Viena, onde agora vive e conseguiu expor o seu caso. O que eu achei interessante é que alguém como ele, que já vivia em Viena desde 1989 sem cometer, em princípio, qualquer ilegalidade, tenha subitamente sido sujeito a tão grande

pressão. Ele também voou com a Royal Jordanian Airlines, por volta do dia 1 de Janeiro de 2003, para o Sudão - pela primeira vez, desde que veio do Sudão para a Áustria numa viagem de negócios. Fez a viagem para Cartum via Amã, sem quaisquer problemas, e doze dias depois - por volta do dia 12 de Janeiro - estava de regresso a Viena num voo com escala em Amã. Chegando a Amã, as autoridades de segurança foram buscá-lo directamente ao avião, apesar de ele ser apenas passageiro em trânsito e não possuir um visto para a Jordânia, e levaram-no para ser interrogado. Os serviços de segurança da Jordânia - o *General Intelligence Department* (GID) - levaram-no para a prisão nas proximidades do aeroporto. Ele próprio irá contar-lhes o que lhe sucedeu aí. Muito resumidamente: não lhe permitiram informar os seus familiares, foi interrogado e torturado, e só passados três meses é que foi libertado. Nunca lhe disseram do que era acusado. O que eles queriam - e isso é o mais interessante - é que ele lhes fornecesse diversas informações sobre muçulmanos austríacos, sobre mesquitas austríacas em Viena e sobre grupos de islamitas. Devemos questionar-nos de onde é que as autoridades jordanas tinham informações tão exactas e pormenorizadas. Até parece que as autoridades de segurança austríacas já o conheciam. Talvez ele lhes fale dos agentes americanos em Viena que tentaram, por diversas vezes, recrutá-lo como informador. Ou seja, é óbvio que houve cooperação entre a Jordânia e, por um lado, as autoridades de segurança austríacas ou, por outro lado, os americanos.

Muitas questões permanecem ainda em aberto e importa esclarecê-las. Os austríacos não querem tomar uma posição oficial sobre este caso, invocando novamente o argumento de que o Sr. Behari não é cidadão austríaco e, como tal, o assunto não é da sua competência. Por outro lado, sabemos muito bem que os estrangeiros residentes na Áustria são vigiados de perto quando se tornam de alguma forma suspeitos de pertencerem a grupos radicais. Depois da sua detenção, não teve quaisquer problemas à entrada na Áustria e, desde então, vive de novo em Viena na expectativa de lhe ser concedida a nacionalidade austríaca que, curiosamente, já lhe foi recusada uma vez por motivos muito pouco convincentes.

Gostaria de concluir com uma observação interessante. Como sabem, eu indiquei-lhes um endereço na Internet e trouxe-lhes um relatório. Existe essa tal organização americana de defesa dos direitos humanos *Human Rights Watch*, e eu entrei em contacto com o relator para a Jordânia, o alemão Christoph Wilke, que na altura também tinha lido o nosso artigo, o qual foi citado em praticamente todo o mundo. No seu voo para a Jordânia, fez uma paragem em Viena e falou com o Sr. Behari. Ele denunciou e documentou de forma muito minuciosa dezasseis casos semelhantes, envolvendo sobretudo cidadãos árabes que estiveram encarcerados na mesma prisão na Jordânia, todos eles sem qualquer acusação. Os factos relatados pelo Sr. Behari coincidem em grande parte com os que lhe foram expostos pelos outros prisioneiros com quem falara anteriormente. Aparentemente, Amã é um centro de interrogatórios e de

detenção ilegal de cidadãos árabes acusados de terem alguma ligação ao terrorismo. Para além do facto de estes cidadãos, a serem culpados, deverem ser submetidos a um processo judicial regular, consta do relatório - e o caso do Sr. Behari confirma-o - que estas pessoas são detidas em regime de incomunicabilidade, sem acusação, sem apoio jurídico, por vezes durante anos a fio. Há pessoas que permanecem em detenção durante mais de um ano, sem serem acusadas de nada, sendo interrogadas repetidas vezes e inclusivamente torturadas. Se quiserem certificar-se da arbitrariedade com que as pessoas são detidas e como, por vezes, até os familiares têm de servir de substituto para alguém que eles não conseguem apanhar, vejam o exemplo de um cidadão da Arábia Saudita a quem disseram, em 2000: "*We will take you instead of your brother.*" (Levamos-te a ti em vez do teu irmão.) Ou seja, aqui também parece haver uma espécie de responsabilização colectiva das famílias.

Estes casos, incluindo os de tortura, estão muito bem documentados neste relatório de 66 páginas. O Sr. Wilke apresentou o seu relatório, em 19 de Setembro, na Jordânia, onde tentou, em alguns casos com êxito, entrar em contacto com as autoridades oficiais. E qual foi a resposta das autoridades jordanas? Disseram aquilo que seria de esperar, nomeadamente que estava tudo em ordem. Uma das autoridades afirmou: "*The GID*" - isto é, os serviços de segurança - "*works within the strict parameters of Jordanian law*". (O GID trabalha dentro dos estritos parâmetros da lei jordana.) Recusaram-se a tomar posição sobre todas as outras acusações, mas as autoridades receberam em mãos este relatório extenso com informações muito, muito precisas. Iremos ver até que ponto a Jordânia irá reagir a este relatório.

Talvez me seja permitido dizer mais uma palavra sobre a Áustria: existem alguns candidatos a asilo egípcios na Áustria, entre os quais também membros desse tal grupo *Jamaa Islamiya* e de outros grupos egípcios. Um deles foi condenado à morte no Egipto, fugiu do país e requereu asilo. Estas pessoas já vivem há alguns anos na Áustria. O processo de asilo ainda não está concluído. Denunciámos um caso - inclusivamente noutra reportagem - em que os americanos exigiam com grande insistência a entrega desse candidato a asilo egípcio. Isso aconteceu há cerca de um ano. Até o Embaixador norte-americano, Sr. Brown, veio falar pessoalmente com a nossa Ministra do Interior e queria exercer pressão sobre a Áustria para que entregassem este homem. Pretendiam levá-lo para o Egipto onde queriam interrogá-lo. A Ministra do Interior não cedeu às pressões e chamou a atenção para o facto de ela não ser a interlocutora certa para este caso, já que os processos de asilo são da competência do Ministério da Justiça. Como podem ver - e isso é bastante interessante -, eles tentam, de facto, exercer pressão sobre pessoas suspeitas de estarem, pelo menos, próximas de organizações terroristas ou radicais.

No caso do Sr. Behari, o que acontece é que ele, em princípio, não tem qualquer ligação com essas organizações. Ele conhecia muitas pessoas, incluindo

egípcios residentes em Viena, das suas visitas à mesquita. Pode ser que ele ainda explique melhor este assunto. Contou-me que, por vezes, ajudava estas pessoas, visitando-as na prisão. Foi assim que aparentemente entrou nesta rede e acabou por ser detido em condições dramáticas na Jordânia, onde permaneceu durante três meses em detenção ilegal.

Para concluir, gostaria de lhes contar uma situação que até dá vontade de rir, mas que para ele não teve graça nenhuma: após ter sido libertado da prisão, foi levado para o aeroporto onde teve de comprar um novo bilhete do seu próprio bolso, já que o seu bilhete antigo tinha entretanto caducado. Tinham-lhe devolvido o seu dinheiro - uma quantia avultada, já que se encontrava em viagem de negócios - e também o seu passaporte no qual carimbaram, ao mesmo tempo, primeiro a sua saída e por cima da mesma a sua entrada com a data correspondente. Ou seja, uma vez que ele não tinha um visto para a Jordânia e, por conseguinte, se encontrava ilegal no país, não souberam muito bem como dar a volta à questão, já que oficialmente ele não tinha entrado no país e não possuía um visto e, ainda assim, tinha permanecido três meses naquela prisão.

Fica assim concluída a minha introdução. Terei todo o gosto em responder a quaisquer questões que me queiram dirigir.

2-007

Masaad Omer Behari, *alegada vítima de entrega extraordinária*. – (DE) Senhor Presidente, realmente, eu nunca pensei que no nosso mundo pudesse acontecer semelhante coisa, que eu enquanto árabe e muçulmano não tivesse quaisquer direitos neste mundo. Sou mais frequentemente privado destes direitos humanos no meu país natal e no Médio Oriente do que em qualquer outra parte do mundo. Apesar de viver desde 1989 em Viena, passei tempos difíceis por não ter cooperado com as autoridades de segurança na Europa e com os americanos. Eles ameaçaram causar-me problemas, mas eu pensei que era apenas conversa, e afinal era verdade.

Em 2003, fui detido, sem qualquer razão, à saída do avião durante o meu voo de regresso a casa. Quando questionei as autoridades sobre o motivo da minha detenção e lhes pedi que, ao menos, informassem a minha família sobre o facto de me encontrar preso, responderam-me: o senhor pensa que isto aqui é Viena ou o quê? Queria ainda confirmar que não são apenas os americanos que actuam na Europa, mas que existem órgãos dos serviços secretos europeus que colaboram de forma ilegal com eles. Isso não é muito fácil de explicar, mas eu tenho documentos que confirmam o que acabo de dizer.

Mais ou menos dois dias após o 11 de Setembro, por volta do dia 13 de Setembro, recebi uma visita dos serviços secretos austríacos. Queriam falar comigo sobre o 11 de Setembro. Eu disse-lhes que não vivia nos Estados Unidos e que não me interessava o que lá se passava, independentemente de os autores dos atentados terem sido muçulmanos ou não. Os agentes daquele

órgão de segurança austríaco responderam-me que aqui não havia lugar para mim e que podia ir para o Afeganistão. Eu não percebo isso. Por que razão não há lugar para mim na Europa, se eu não fiz nada? Eu vivo na Europa desde Agosto de 1989 e não tenho quaisquer antecedentes criminais. Porque é que as autoridades de segurança americanas, a CIA ou o FBI, hão-de perseguir-me nas ruas de Viena ou em qualquer outro local? Também não percebo isso.

Porque é que no Médio Oriente ou na Jordânia as pessoas são detidas sem qualquer motivo e não têm direito a serem visitadas por um advogado? Nem tão-pouco o pessoal da embaixada ou da Cruz Vermelha se dignou visitar-nos. Ninguém! Conheci lá muitas pessoas, cujos pais e familiares ainda hoje não sabem onde é que eles se encontram.

Não consigo exprimir aquilo que eu quero dizer. Eles usavam métodos bem estudados para nos torturarem e oprimirem. Quando eu perguntava por que razão faziam aquilo e porque é que eu estava ali, eles confirmavam que estavam à procura de informações. Tentavam mugir-nos como se fôssemos vacas. Tenho em meu poder muitos documentos que irei entregar-lhes.

No que diz respeito às torturas físicas, começaram por encarcerar-nos durante três a quatro semanas numa cave, onde nos penduravam de cabeça para baixo. Davam-nos então 120 pancadas com um pau em cada pé até estes começarem a sangrar. Depois, espalhavam sal pelo chão e nós tínhamos de ficar de pé em cima do sal e depois deitavam-lhe água por cima.

Entretanto, quando voltávamos à cela de isolamento, tratavam-nos com água quente e sal. Quando nos queixávamos, íamos ao médico, que tentava sempre facilitar as coisas. Comunicávamos sempre à direcção do estabelecimento prisional que nos tinham batido durante a noite. Eles limitavam-se a mandar-nos ao médico, mas continuava tudo na mesma.

Também começaram a exercer terror psicológico. Diziam-nos que, se não lhes contássemos exactamente aquilo que queriam e procuravam, nos mandavam para a cadeira eléctrica. Embora não sendo verdade, eles diziam aquilo de uma maneira que ficávamos sem saber se era ou não verdade. Eles usavam diversos métodos para nos torturarem, tanto a nível físico e psicológico como a muitos outros níveis. Tentaram torturar-nos com carros que se aproximavam a toda a velocidade de nós. Vendavam-nos os olhos para não vermos se os carros vinham dirigidos contra nós ou não. Eram coisas deste género. Continuo a perguntar-me porque é que prendem as pessoas sem qualquer razão. Será que o facto de não se querer colaborar com um serviço secreto é motivo suficiente para se prender e torturar uma pessoa? Não tenho mais nada a dizer, mas tenho em meu poder estes documentos que irei dar-lhes.

2-008

Giovanni Claudio Fava (PSE), *relator*. – (IT) Senhor Presidente, gostaria de agradecer aos nossos convidados

pela sua afabilidade e cooperação. Gostaria de agradecer, de um modo muito especial, ao Sr. Lahodinsky pelo excelente trabalho de investigação jornalística que realizou no seu país, e agradeço também ao Sr. Behari, a quem peço desculpa por o obrigarmos a reviver de novo um acontecimento que qualquer outra pessoa no seu lugar quereria apagar da memória, evitando ter de analisá-lo por causa da dor que a sua mera recordação comporta.

Infelizmente, será necessário ir um pouco mais ao fundo desta questão, já que a tarefa que incumbe a esta comissão e o mandato que nos foi atribuído consiste em obter uma visão geral e, em seguida, aprofundar diversos pormenores para percebermos até que ponto a Europa tem alguma responsabilidade neste caso e, se assim for, qual. Gostaria, por isso, de dirigir algumas perguntas específicas tanto ao Sr. Lahodinsky como ao Sr. Behari.

Ao Sr. Lahodinsky gostaria de perguntar se, de acordo com os seus conhecimentos, os serviços secretos austríacos e/ou americanos - a CIA, no caso Meshawi - terão tido algum papel no seu rapto em Amã e na sua subsequente detenção, e se sabe se os serviços austríacos transmitiram informações que permitiram a sua captura e subsequente detenção, e em que factos baseia esses seus conhecimentos?

Além disso, gostaria que nos ajudasse a perceber que ligações existem com o caso de Abu Omar, pois, como pude ler nos seus artigos, também se fala em declarações dos investigadores italianos que apontam para o envolvimento da CIA, confirmado por um alto funcionário dos serviços secretos italianos. É feita referência a raptos planeados não só em Itália, como também na Áustria. Pode especificar melhor este ponto? Que ligações existiam, no plano operativo, entre o caso Abu Omar e o caso Meshawi; desempenharam os serviços secretos italianos (SISMI) algum papel neste contexto e, em caso afirmativo, que contactos operativos houve entre os serviços austríacos e italianos?

Ao Sr. Behari gostaria de perguntar se, para além dos documentos que nos entregou, e que lhe agradecemos, poderá fornecer-nos quaisquer outros elementos sobre o papel que tiveram os serviços austríacos e também os serviços americanos na sua detenção, ou seja, se teve a sensação, depois de o terem detido no aeroporto de Amã, de que não tinha sido preso por acaso e de que as informações recebidas pelos serviços jordanos poderiam provir da CIA ou dos serviços secretos austríacos.

Se não me engano, o senhor foi abordado por um membro dos serviços secretos austríacos e também por um agente dos serviços secretos americanos em Viena que lhe fizeram uma proposta de cooperação. Pode dar-nos mais algumas explicações sobre este assunto?

Pode ainda fornecer-nos elementos adicionais sobre a sua detenção na Jordânia, embora eu tenha consciência de que a recordação deve ser dolorosa para si? Pode dizer-nos qual era a nacionalidade dos outros prisioneiros, se os respectivos casos eram semelhantes

ao seu, se se encontravam detidos pelas mesmas razões que o senhor - ou seja, se pretendiam instigá-los à cooperação para ficarem a conhecer os pormenores das suas visitas - ou se havia acusações específicas, e se sabe o nome de algum destes prisioneiros? O que é que lhes aconteceu? O senhor foi unicamente interrogado por funcionários jordanos ou notou também a presença de funcionários dos serviços de polícia de outros países?

2-009

Otmar Lahodinsky, jornalista, editor da revista "Profil". - (DE) Senhor Deputado Fava, é naturalmente difícil falar de uma cooperação entre serviços secretos, já que estes, por norma, não são muito prestáveis quando toca ao fornecimento de informações.

Mas, na altura, também soubemos através da comunicação social italiana e de alguns colegas que, por exemplo, um general dos serviços secretos italianos, Gustavo Pignero, que, pelos vistos, mantinha contactos com o director do gabinete da CIA em Roma, testemunhou no processo que esse agente da CIA em Roma afirmara que estavam previstos raptos secretos e interrogatórios de membros de grupos islamitas, não só em Itália, mas também na Áustria. Confrontámos, uma vez mais, as autoridades austríacas com estes factos, que alegaram não ter conhecimentos sobre a matéria. A fórmula é sempre a mesma.

2-010

Giovanni Claudio Fava (PSE), relator. (DE) - Recebeu o Sr. Pignero essas informações antes ou depois da detenção de Meshawi e do sequestro de Abu Omar? Antes ou depois de Fevereiro de 2003?

2-011

Otmar Lahodinsky, jornalista, editor da revista "Profil". - (DE) Senhor Presidente, para ser sincero, já não tenho bem a certeza. Espere, acho que foi no Verão, foi depois do rapto. Os raptos aconteceram todos por volta de 2002, 2003. Mas o que talvez possa ser interessante é que conseguimos investigá-los.

De acordo com os autos judiciais italianos, as autoridades austríacas foram efectivamente informadas, e até com relativa antecedência, inclusivamente sobre o rapto de Abu Omar que era conhecido do Sr. Meshawi. Existe, de facto, um imã em Viena chamado Al-Shauki. Foi o filho dele que me disse. Esse imã, que conhecia muito bem Abu Omar e que continua a viver em Viena, diz que já não quer ter nada a ver com este assunto, nem tão-pouco falar sobre o mesmo. O seu filho, que é dirigente de uma organização de jovens islamitas na Áustria, explicou-me que os dois mantinham contacto. Al-Shauki ia muitas vezes a Milão, e Abu Omar vinha de vez em quando a Viena. As autoridades italianas, tal como as austríacas, sabiam que eles se conheciam, e imediatamente após a detenção de Abu Omar, Al-Shauki foi visitado pelas autoridades de segurança austríacas, ou seja, ainda não havia conhecimento oficial do rapto, já ele estava a ser interrogado sobre os seus contactos com Abu Omar.

Penso que isto talvez comprove que aqui houve, necessariamente, uma estreita cooperação entre as autoridades italianas e austríacas. Na documentação descobrimos mais uma prova de que também houve cooperação com outro serviço. Ao que parece, as autoridades luxemburguesas têm na *Police judiciaire* uma *Cellule anti-terroriste* que trocou informações com os serviços austríacos e confirmou alguns dados por telefone, isto é, descobriu que o Sr. Behari esteve no Luxemburgo e contactou algumas pessoas, cujos nomes estão listados nessa documentação. Dela consta ainda que se tratava de um grupo constituído por bósnios radicais muçulmanos, muito embora independente da Al-Qaeda, como pode ler-se aqui.

Além disso, segundo consta da documentação, esses contactos também eram mantidos com a Áustria, em especial com o cidadão sudanês Behari, e devem ainda manter-se. Mas tudo isto é muito, muito pouco. No entanto, como podemos ver, as autoridades austríacas aparentemente também utilizaram este fax nas suas investigações contra o Sr. Behari.

É datado de 17.12.2004, o que significa que antes disso foi instaurado um processo de inquérito contra o Sr. Behari, logo depois de Setembro de 2001, que o Ministério Público austríaco em Viena arquivou, no entanto, passado meio ano, aparentemente sem quaisquer resultados. Não descobriram nada que incriminasse o Sr. Behari.

2-012

Giovanni Claudio Fava (PSE), relator. (IT) – No que diz respeito à primeira questão, dispõe de elementos que o levem a acreditar que as autoridades jordanas tenham recebido informações dos serviços secretos americanos ou austríacos sobre a chegada de Meshawi? Terá essa circunstância de alguma forma contribuído para a sua detenção?

2-013

Otmar Lahodinsky, jornalista, editor da revista "Profil". – (DE) Senhor Presidente, infelizmente não passam de meras suspeitas, mas não deixa de ser interessante que, pelos vistos, os dados de voo do Sr. Behari também eram do conhecimento dos americanos. Ao que parece, imediatamente após a partida do voo, que terá ocorrido um pouco antes da hora prevista, a *Jordanian Airlines* recebeu um telefonema. Foi o chefe dos serviços administrativos desta companhia aérea jordana quem o afirmou, mais tarde, perante o irmão do Sr. Behari. Os americanos terão perguntado quando é que ele partira e quando seria o seu regresso, e tudo indica que a companhia aérea jordana terá prestado as informações solicitadas, já que ele foi detido no seu voo de regresso.

É muito especulativo saber até que ponto as autoridades americanas cooperam realmente com as autoridades austríacas. É evidente que existe uma cooperação; sabemos que em muitos outros casos os Estados Unidos nos fornecem informações e vice-versa, da mesma maneira que os austríacos também transmitem os resultados das suas investigações quando lhes é

solicitado. Não acredito, porém, que os austríacos cooperem com as autoridades jordanas - isso seria ainda mais especulativo. Aqui, de facto, as informações devem ter sido veiculadas pelos americanos, pois só assim se explica que os serviços em Amã estivessem tão bem informados.

O Sr. Behari contou-me que em Viena também foi abordado uma ou duas vezes na rua por alguém que falava alemão com sotaque inglês. Essa pessoa queria entrar em contacto com ele e saber se não estaria interessado em colaborar e fornecer regularmente informações sobre os grupos islamitas em Viena. Houve tentativas muito concretas de estabelecer contacto com ele. Um certo dia, apareceram no clube sudanês duas pessoas que, não sendo sudanesas, deram naturalmente logo nas vistas e fizeram muitas perguntas. Disseram que queriam fazer uns negócios no Sudão e perguntaram se sabiam de alguma coisa; estavam interessados em estabelecer uma cooperação ao ponto de dois agentes, ao que parece americanos, terem entrado em contacto com o irmão do Sr. Behari, que é taxista em Viena. Também lhe ofereceram dinheiro em troca de informações e durante a viagem meteram-lhe uma nota no bolso. Ao que parece, estes factos constam do processo, mas as autoridades austríacas recusam-se naturalmente a tomar posição ou invocam o argumento da protecção dos dados, limitando-se a dizer muito pouco ou nada sobre este assunto.

2-014

Masaad Omer Behari, alegada vítima de entrega extraordinária. – (DE) Relativamente à pergunta sobre o papel desempenhado pelos serviços secretos austríacos e pela CIA, tenho a dizer o seguinte: em 1998, estavam à porta de minha casa dois agentes dos serviços secretos austríacos que me informaram de que tinham recebido uma carta com a indicação de que eu e mais 15 pessoas de origem árabe estaríamos a planear um atentado bombista à embaixada dos Estados Unidos. Perguntaram-me se eu teria tempo de os acompanhar para prestar declarações. Eu estava disponível e disse que sim. Acompanhei-os até à esquadra no centro de Viena e, desde então, só tenho tido problemas.

Tenho em meu poder documentos que atestam que, depois do 11 de Setembro, os serviços secretos austríacos receberam um pedido do FBI no sentido de efectuarem investigações para controlar alguns islamitas activos em Viena. Essa é uma das razões pelas quais não me será concedida a nacionalidade austríaca. Existem muitos indícios de que os americanos colaboram, de forma ilegal, com os austríacos.

Dou-lhe um exemplo: durante a minha detenção na Jordânia, o meu irmão - depois de ter constatado que eu não tinha chegado à China - telefonou para a Royal Jordanian Airlines e perguntou ao director qual seria o meu paradeiro. Ele comunicou-lhe que desconhecia o que tinha acontecido ao seu irmão e que os americanos tinham pedido informações sobre os dados do seu voo. Disse-lhe que tinha transmitido as informações solicitadas, mas que não sabia de mais nada.

Durante a minha detenção, os americanos também contactaram o nosso amigo libanês em Viena e disseram-lhe que teriam todo o gosto em libertar-me, mas que receavam que eu tentasse fazer-me passar por herói. Depois de ter sido libertado, dirigi-me à embaixada do Sudão em Viena e relatei o que me tinha sucedido. Lá disseram-me que já sabiam do meu caso e que tinham tentado colaborar no bom sentido com os americanos.

2-015

Otmir Lahodinsky, jornalista, editor da revista "Profil". – (DE) Senhor Presidente, gostaria de acrescentar só mais uma coisa. Outros jornalistas falaram sobre este assunto com a actual Embaixadora americana em Viena e também mencionaram, naturalmente, o caso Menshawi e Behari. Ela parecia ignorar completamente o caso, o que até se compreende, já que está, de facto, há muito pouco tempo em Viena. Mas ela não respondeu rigorosamente nada às perguntas dos jornalistas sobre este caso.

O que também é interessante é que as pessoas que interrogaram o Sr. Behari, enquanto ele esteve detido na Jordânia, lhe colocaram repetidamente perguntas muito concretas sobre os grupos islamitas em Viena. Ou seja, é impossível as autoridades jordanas terem conhecimentos tão pormenorizados ao ponto de saberem como se chama esta ou aquela mesquita naquele bairro específico de Viena, por quem é frequentada, etc. Presumo que estas informações lhes tenham sido transmitidas pelas autoridades austríacas, pois caso contrário provavelmente não saberiam qual a rua e a orientação em que se encontra uma determinada mesquita. Há algumas mesquitas - como sabemos de outros relatórios - que são alvo de uma vigilância relativamente apertada por parte das autoridades de segurança austríacas. Sabe-se por quem são frequentadas, ou seja, estas pessoas são vigiadas.

Há mais outro caso muito estranho, ao qual gostaria de fazer apenas uma breve referência, já que ainda me faltam informações sobre o mesmo. Só acho muito estranho que logo seis membros de uma mesquita considerada um pouco radical, entre os quais três cidadãos austríacos, que em Julho deste ano viajavam de automóvel para Sarajevo na Bósnia, tenham sido detidos pela polícia num estacionamento logo a seguir à fronteira, de onde foram depois levados para a prisão. Desde então, ainda continuam presos.

São acusados de terem participado numa rixa, segundo me comunicou um advogado das vítimas em Sarajevo. Acusam-nos de se terem envolvido numa briga com outro bósnio, e o processo judicial ainda está em curso. A embaixada austríaca já está a tratar destas pessoas; demorou algum tempo a intervir, sem dúvida, mas pelo menos está a fazer alguma coisa. Entre eles encontram-se também três cidadãos austríacos; os outros são bósnios residentes em Viena, incluindo o imã. Pode, naturalmente, ser coincidência e pode, de facto, ter havido uma rixa. Mas eu vou investigar melhor este caso

e estou com alguma curiosidade. Hoje está marcada mais uma audiência naquela cidade da Bósnia e é possível que até sejam libertados. É que, entretanto, já passaram cerca de quatro meses e, como é evidente, irei entrar em contacto com eles. É bem possível que durante a detenção também tenham sido interrogados sobre outros assuntos. Mas como lhes disse, tudo isto ainda é um pouco misterioso, o facto de terem decretado um período de detenção tão longo sem uma verdadeira acusação.

2-016

Masaad Omer Behari, alegada vítima de entrega extraordinária. – (DE) Eles disseram que, quando eu estivesse de volta a Viena, deveria cooperar com os austríacos e não com os americanos. Disseram-me: "Você também teria a hipótese de cooperar directamente connosco, e isso seria melhor". Eu disse-lhes que recusaria todas as propostas. Mas se alguém quisesse apresentar-me uma proposta depois de eu estar em liberdade, poderia vir ter comigo.

2-017

Giovanni Claudio Fava (PSE), relator. – (IT) Senhor Presidente, eu tinha solicitado mais pormenores sobre a detenção: foram os interrogatórios exclusivamente conduzidos por pessoal jordano e pode dizer-nos alguma coisa sobre os outros prisioneiros?

2-018

Masaad Omer Behari, alegada vítima de entrega extraordinária. – Havia alguns soldados que nos ajudavam de vez em quando e que tentavam pelo menos falar connosco. As coisas não são nada fáceis quando estamos detidos em isolamento e não podemos falar com ninguém. Um destes soldados informou-me sobre algumas pessoas detidas; tratava-se de cidadãos franceses provenientes da Arábia Saudita ou da Jordânia. Um dos soldados disse que seriam mais de 270 pessoas. Apercebi-me de que muitos deles sofriam de perturbações psicológicas.

De duas em duas semanas mandavam-nos para uma sala para nos podermos mexer. Desde as 7 da manhã às 17 horas mantinham-nos acorrentados a uma cadeira, com as mãos atrás das costas. Faziam isso de duas em duas semanas. Durante todo o dia só nos davam água para beber. Mas nos outros dias ofereciam-nos refeições de luxo. Naqueles dois dias, porém, podia demorar entre 3 e 4 horas até nos deixarem ir à casa de banho, o que não era nada agradável. A maioria das pessoas vinha de Inglaterra e tinha sido enviada, por exemplo, pelos americanos para a Jordânia. Estive com algumas destas pessoas na sala n.º 94. Recebi informações de que na sala n.º 92 se encontrava um indivíduo que fora detido na fronteira turca, próximo de Tora Bora. Os turcos entregaram-no aos americanos. Tratava-se de um cidadão jordano. Depois transferiram-no para Amã. Os turcos balearam-no nas costas, e só conseguia andar com duas muletas.

Eu era o n.º 94. O n.º 95 vinha da Argélia e foi detido no aeroporto de Heathrow. Regressou com um passaporte falso e ninguém sabia nada dele. Estive 18 meses na Jordânia e, dois dias antes de eu ser libertado,

disseram-lhe que também seria enviado para a Argélia. Há muitas pessoas que foram transferidas de uma prisão para outra pelos ingleses ou americanos e depois foram parar à Jordânia. Eu perguntei porque é que não eram transferidos directamente para Amã, ao que vim a saber, lá os métodos de interrogatório eram melhores. Ali ninguém podia receber visitas. Ninguém tinha essa possibilidade naquela prisão.

Existe um tribunal militar, ao qual me apresentei nos primeiros quatro dias e onde me perguntaram por que razão eu tinha vindo para Amã. Mas eu nunca fui para Amã, pois prenderam-me directamente no aeroporto. Disseram-me que eu só tinha vindo para Amã para dar problemas, ao que eu retorqui que não era minha intenção causar problemas. Afinal, eu só me encontrava em trânsito e nem sequer deveria estar ali. Depois disseram aos soldados para me levarem de volta à sala.

Também havia um médico militar. Da direcção do estabelecimento prisional também fazem parte militares que andam fardados como tal. Quem causava sempre os problemas eram os civis, pois eram dos serviços gerais de segurança.

2-019

Jas Gawronski (PPE-DE). – (IT) Senhor Presidente, também eu gostaria de dar as boas-vindas aos nossos dois convidados e exprimir a minha solidariedade perante os acontecimentos dramáticos pelos quais passaram.

Permitam-me, porém, manifestar o meu desacordo com o facto de ele dizer que os direitos humanos são mais respeitados no Médio Oriente do que entre nós. Compreendo a sua experiência e o seu sofrimento, mas discordo da sua declaração. De resto, foi-nos ilustrado e explicado como funcionam os serviços de segurança e o sistema prisional na Jordânia, o que é muito interessante, mas não se enquadra nos objectivos da nossa comissão.

Foi-nos explicada a colaboração entre os vários serviços secretos, luxemburgueses e austríacos, entre a CIA, a Áustria e a Jordânia, entre os serviços secretos austríacos e italianos. Eu diria que nada disto me choca, pelo contrário, até me tranquiliza de certa forma. O que me indigna e choca, porém, é que essa colaboração tenha dado origem a incidentes ilegais e escandalosos, como os que sucederam ao Sr. Behari. A colaboração em si não me choca, embora me quisesse parecer que, no início do debate, essa colaboração tenha aqui causado um certo desagrado.

A pergunta que dirijo sobretudo ao Sr. Behari, mas também ao jornalista, Sr. Lahodynsky, é a seguinte: com a devida salvaguarda de que toda e qualquer ilegalidade e tudo o que leva à tortura e a comportamentos e acções ilegais deve ser condenado, considera admissível que pessoas por alguma razão suspeitas de comportamentos ilegais sejam detidas e interrogadas pelos serviços secretos, obviamente dentro dos limites da legalidade, com o objectivo de obter informações delas?

2-020

DV\649730PT.doc

Masaad Omer Behari, alegada vítima de entrega extraordinária. – (DE) Senhor Presidente, o que eu disse foi o contrário, que no Médio Oriente não existem direitos humanos. Desde que fui libertado, em 2003, eu nunca mais visitei o meu país natal, pois não sei onde irei parar. Toda a gente sabe que lá não se respeitam os direitos humanos. Os governos são ditaduras ou empresas familiares. Isso também toda a gente sabe!

Já que se fala do terrorismo, esses governos também não devem ser considerados legais. São ilegais e nós precisamos de governos legais. Só assim, creio eu, é que a situação irá melhorar. Mas há quanto tempo temos nós esses governos ilegais no Médio Oriente? Os problemas irão permanecer para sempre.

No que diz respeito à cooperação entre os serviços de segurança ou os serviços secretos, ela deve ser considerada muito positiva, já que é legal. Mas durante quanto tempo é que esses serviços cometeram ilegalidades e perseguiram pessoas inocentes? Os serviços secretos austríacos tentaram, desde 1998, aproximar-se de mim para eu colaborar com eles, uma vez que tenho contacto com quase 20.000 ou 30.000 pessoas. Eu sou técnico de informática e vou a casa das pessoas para lhes reparar os computadores, e queriam que eu trabalhasse e cooperasse com eles. Eu recusei-me e eles não compreenderam isso. Desde então só tenho tido problemas e dificuldades.

Em minha opinião, os serviços secretos devem garantir a nossa segurança, mas não nos devem incomodar.

2-021

Otmar Lahodynsky, jornalista, editor da revista "Profil". – (DE) Senhor Presidente, partilho inteiramente da sua opinião. É óbvio que os serviços secretos são importantes e devem fazer o seu trabalho. Mas assim que é transgredido o limite da legalidade ou quando pessoas inocentes são entregues a outros países, onde são permitidos métodos de interrogatório como os que acabaram de ser descritos, isso é de condenar.

Permita-me que lhe dê mais uma indicação já que perguntou pelos serviços. Ao que parece, também se encontram lá muçulmanos vindos de França. O Sr. Behari teve um breve contacto com, pelo menos, dois deles. É que lá não é permitido falar com outros detidos.

2-022

Masaad Omer Behari, alegada vítima de entrega extraordinária. – (DE) Eu observei-os uma vez a conversarem um com o outro. Eu próprio não tive contacto com eles.

2-023

Otmar Lahodynsky, jornalista, editor da revista "Profil". – (DE) O Sr. Wilke é que me disse que sabia que as autoridades francesas estão agora a tratar de dois cidadãos, embora não soubesse ao certo se eram realmente cidadãos franceses; seja como for, eles foram transferidos de França para Amã. O Ministério dos Negócios Estrangeiros francês está a agora a tentar obter informações sobre este caso.

PE 384.328v01-00

2-024

Hannes Swoboda (PSE). – (DE) Creio que já conseguimos avançar um pouco ao deixarmos claro que a cooperação entre as organizações de serviços secretos é efectivamente importante e necessária. É para isso que, aliás, serve uma política de luta contra o terrorismo. Mas existem dois pontos que merecem a minha crítica. Por um lado, a questão de nós, enquanto países europeus, assumirmos uma certa função de protecção inclusivamente perante os cidadãos estrangeiros, desde que estes permaneçam nos nossos países em condições de legalidade sem cometer quaisquer crimes. Não podemos admitir que, por um lado, se diga a essas pessoas que podem vir para cá, que lhes concedemos autorização de residência, e que podem trabalhar cá, que recebem uma autorização de trabalho, e quando depois intervém um serviço estrangeiro, já não temos nada a ver com isso, porque afinal eles não são cidadãos nacionais. Julgo que esta função primária de protecção tem de ser sublinhada com vista a assegurar o respeito pelos direitos humanos.

Em segundo lugar, parece-me que, sobretudo no caso da Áustria, mas talvez também noutros casos, o que se verifica é que não só os serviços secretos, mas também as autoridades subordinadas ao Ministério do Interior e da Segurança, estarão provavelmente muito contentes por não terem de fazer o trabalho sujo, que, em vez disso, é realizado no Egipto, na Jordânia ou sabe-se lá onde. Neste contexto, gostaria de dirigir uma pergunta ao Sr. Lahodinsky. Ele já descreveu a situação e os contactos que teve com as autoridades austríacas e comunicou-nos o que estas lhe disseram a este respeito. A minha pergunta é a seguinte: o senhor tem a impressão de que as autoridades austríacas estão, de certa forma, satisfeitas por não terem de tratar destes assuntos? Ou não lhes terá também dito que, quando existem suspeitas, as autoridades austríacas têm o dever de as investigar? Por uma questão de segurança, não podemos admitir que se recusem a investigar suspeitas, como, por exemplo, a de o Sr. Behari ou o Sr. X ou Y pertencerem eventualmente a uma organização islamita terrorista. Não podem simplesmente adoptar uma postura do tipo “Os outros que o façam, isso não nos interessa”. Tanto por questões humanitárias, como também por questões de segurança, as autoridades austríacas tinham o dever de realizar investigações independentes, ainda para mais quando sabemos que a CIA e outros serviços afins não são propriamente perfeitos e também cometem erros, já para não falar em coisas piores.

Interessava-me, portanto, saber como é que reagiram as autoridades austríacas, caso o senhor tenha invocado tais argumentos.

2-025

Otmar Lahodinsky, jornalista, editor da revista "Profil". – (DE) Senhor Deputado Swoboda, a sua impressão é totalmente correcta. As autoridades austríacas desinteressam-se muito rapidamente quando se trata de problemas de cidadãos estrangeiros na Áustria ou quando estes têm dificuldades nos seus países de origem. A mim e a um colega meu foi-nos dito em

dois sítios diferentes que não se tratava de um cidadão austríaco e, como tal, não havia necessidade de intervir.

Regra geral, o que acontece é que, tal como no caso dos três cidadãos egípcios que apresentaram um pedido de asilo na Áustria, as pessoas são efectivamente interrogadas pelas autoridades austríacas. Os crimes que possam ter sido cometidos no estrangeiro - neste caso, quando muito, no Egipto - não são investigados na Áustria. Também do lado egípcio houve tentativas para que a Áustria entregasse estas três pessoas ao Egipto. Mas uma vez que, pelo menos, duas delas correm o risco de serem condenadas à pena de morte naquele país, a Áustria não os entregou, apesar de a embaixada egípcia em Viena ter apresentado documentos e garantias de que a pena de morte não seria, em circunstância alguma, aplicada. Ainda assim, queria que esses cidadãos fossem entregues. Neste caso, as autoridades austríacas estão - pelo menos por enquanto - do lado dos candidatos a asilo, que não serão afastados do país.

Em termos gerais, há que ponderar se não seria conveniente esclarecer as autoridades austríacas de que, em casos como os do Sr. Behari, existe uma certa conivência da sua parte, sobretudo quando é manifesto que suspeitas ou pormenores que constavam do processo do Sr. Behari, criado no gabinete de luta contra o terrorismo, foram transmitidos a outros serviços. Neste caso, existe de facto co-responsabilidade. Dou-lhe toda a razão.

2-026

Sarah Ludford (ALDE), Vice-presidente. – (EN) Concordo plenamente com tudo o que o senhor deputado Swoboda disse. No meu país, no Reino Unido, existem com certeza inúmeros exemplos de pessoas que lá residem legalmente. A questão que se coloca não é a de não termos residentes legais, mas que o Governo afirma não ser responsável pelo seu bem-estar. Na segunda-feira, surgiu uma notícia na imprensa - que não pretendo comentar - segundo a qual os americanos propuseram enviar de volta os nove residentes britânicos detidos na Baía de Guantánamo, mas o Governo britânico não os quer de volta.

O que eu gostaria de esclarecer - e lamento se não tiver entendido bem - é se o Parlamento austríaco ou as autoridades judiciais austríacas deram algum seguimento a este assunto e, em caso afirmativo, qual? Se eu compreendi bem, no caso do Sr. Menshawi foi apresentada uma queixa oficial contra as autoridades. Eu não estou familiarizada com o sistema austríaco no que diz respeito aos juizes de instrução criminal, mas existe alguma vigilância policial neste caso ou este está a ser investigado tendo por base um crime cometido na Áustria sob a forma de conspiração com uma detenção ou sequestro ilegal?

No caso do Sr. Behari, gostaria de saber se ele apresentou alguma queixa à polícia ou às autoridades judiciais por um crime que possa ter sido cometido no território nacional austríaco sob a forma de uma conspiração que terá conduzido ao tratamento de que

alega ter sido vítima. Se eu compreendi bem, o Governo austríaco nega ter qualquer responsabilidade e não investiga o caso por este não envolver nenhum cidadão austríaco. O Governo austríaco afirma não ter nada a ver com o assunto, porque não se trata de cidadãos austríacos. Será também essa a posição do Parlamento e do poder judicial?

Em segundo lugar, gostaria que me explicasse qual é o papel do BVT. Só tenho aqui o artigo em francês e não tenho bem a certeza de qual será a tradução deste termo e quais são as competências do BVT. Talvez possa explicar-me que tipo de intervenção ele teve.

Senhor Lahodynsky, no seu artigo fazia referência ao facto de a comunidade islâmica na Áustria permanecer silenciosa. Gostaria de saber se tem alguma explicação para isto ou porque é que supõe que reagiram assim?

Por último, a imprensa noticiou que, em Janeiro de 2003, a Força Aérea Austríaca enviou dois caças para interceptar um avião Hércules suspeito, registado sob o n.º N8183J, que sobrevoava o espaço aéreo austríaco, tendo alegadamente descolado de Frankfurt com destino ao Azerbaijão. O avião era operado pela Tepper Aviation, que é considerada uma empresa-fantasma da CIA. Ao que parece, o comandante da Força Aérea Austríaca, Major-General Erich Wolf, falou sobre este caso na rádio estatal. Foi dado algum seguimento a este caso e houve algumas investigações ou foram apresentados protestos por parte das autoridades austríacas?

2-027

Otmar Lahodynsky, jornalista, editor da revista "Profil". – (DE) Senhor Presidente, permita-me só mais uma breve pergunta sobre o Sr. Menshawi. Qual era a questão? Não devo ter tomado nota correctamente. Queria saber em relação ao Sr. Menshawi se ele era acusado de alguma coisa, o processo judicial ou qualquer coisa do género?

2-028

Sarah Ludford (ALDE), Vice-presidente. – (EN) Peço desculpa se não me exprimi de forma suficientemente clara. Eu queria saber se no caso do Sr. Menshawi, do Sr. Behari ou de qualquer outro - sabemos que há um processo sob o nome fictício de "Kamal M" - foram apresentadas quaisquer queixas junto da polícia ou das autoridades judiciais que tenham sido recusadas ou às quais tenha sido dado seguimento. Não ficou claro para mim quais foram as queixas ou os pedidos apresentados às autoridades austríacas no sentido de estas investigarem o que aconteceu com estas pessoas. Assumiram as autoridades judiciais alguma responsabilidade nesta matéria? Interessou-se o Parlamento austríaco por este assunto? Deu algum seguimento a este caso?

2-029

Otmar Lahodynsky, jornalista, editor da revista "Profil". – (DE) Segundo julgo saber, em nenhum dos dois casos, e com toda a certeza no caso do Sr. Behari, não houve nenhum processo de queixa. Por enquanto, o

Parlamento austríaco não manifestou grande interesse nesta questão. Tanto mais interessante e gratificante é, pois, o trabalho nesta comissão. O facto de podermos hoje aqui apresentar este caso talvez também contribua para que, de futuro, se evitem este tipo de incidentes.

Também é interessante que o Sr. Menshawi não foi acusado de nada na Áustria. Relativamente à sua questão sobre a comunidade islâmica, a reacção foi de facto muito estranha e nós procurámos indagar as razões. Eu falei com o Presidente da comunidade religiosa. Ele é natural da Síria e disse-me: "Sim, eu realmente conheço esse tal Sr. Menshawi. Foi-me apresentado de passagem num evento qualquer. Dizem que faz parte do grupo Jamaa Islamiya, mas eu não sei de nada, são apenas rumores." O que ele não nos disse - e isso foi algo que só descobrimos mais tarde - é que esse tal Sr. Menshawi desempenhava na realidade um papel muito importante e que afinal era Vice-Presidente dessa comunidade religiosa na Estíria, tendo inclusivamente participado nas eleições para essa comunidade. Ele até era tesoureiro da comunidade religiosa - um cargo que está regulamentado no direito associativo austríaco -, ou seja, afinal não tinha um papel assim tão insignificante. Não consigo imaginar que estes dois senhores não se tenham visto mais do que uma vez em eventos da comunidade. Quando chamámos a atenção para o facto de o seu nome ainda figurar no sítio oficial da comunidade religiosa na Internet, apesar de ele ter desaparecido há três anos, subitamente dois dias depois do nosso telefonema desapareceram três nomes do sítio Internet, o que também é muitíssimo estranho. Da parte desta comunidade islâmica também parece haver pouco interesse em resolver este caso. É o que tenho a dizer sobre o silêncio mencionado pela senhora deputada.

Também em Graz nos foi dito por membros da mesquita onde o Sr. Menshawi desempenhava funções - um deles, que agora é praticamente quem manda na mesquita, afirmou não querer, em princípio, pronunciar-se sobre o assunto e limitou-se a dizer que estava contente por o Sr. Menshawi já não estar lá, porque sempre causou de alguma forma distúrbios na comunidade islâmica. É óbvio que este é um problema interno da comunidade islâmica, que, a propósito, ocupa uma posição especial na Áustria, que lhe é garantida pelo direito constitucional, já que o Islão é reconhecido há mais de cem anos como comunidade religiosa oficial na Áustria. Isso significa que o Estado lhes paga os ordenados dos professores de religião que leccionam nas escolas austríacas, etc.

O papel do Gabinete de Luta contra o Terrorismo é o seguinte: trata-se de um grupo pertencente ao Ministério do Interior que participa nas investigações e colabora com os serviços de segurança, com os serviços secretos - se é que existem na Áustria - e com a antiga polícia de Estado. Na Áustria, todos os anos é apresentado um relatório sobre a ameaça do terrorismo no qual são listados os grupos que constituem um perigo terrorista. É possível consultar oficialmente num sítio da Internet que grupos existem na Áustria e até que ponto representam ou não uma ameaça. De resto, este gabinete não é muito

prestável no que toca ao fornecimento de informações sobre casos concretos.

Essa história do avião foi interessante na medida em que a Força Aérea Austríaca - que, como é sabido, não é propriamente bem equipada, nem possui, pelo menos por enquanto, um grande número de aviões - um belo dia levantou, de facto, voo porque um avião desconhecido e não registado estava a sobrevoar o espaço aéreo austríaco. O avião não foi forçado a aterrar, mas simplesmente fotografado. Existe uma fotografia com excelente nitidez desse avião, que até já foi por diversas vezes publicada na nossa revista, e que, como a senhora deputada disse, é dessa estranha companhia Tepper Aviation. É evidente que ninguém sabe o que esse avião transportava ou se se encontravam pessoas a bordo do mesmo. O Ministério da Defesa Nacional apresentou protestos, ou seja, uma espécie de queixa, junto da Embaixada dos Estados Unidos devido a este caso. Esta respondeu passado algum tempo, lamentando o sucedido. A justificação que deram para não terem registado devidamente o avião foi a de que tinha sido lapso, e o assunto ficou por aqui. Não houve mais nenhuma consequência jurídica nem diplomáticas. Ao que parece, não é raro o nosso espaço aéreo neutro ser sobrevoado, até mesmo por aviões militares das forças da NATO, mas também existem naturalmente autorizações de sobrevoos que são oficialmente concedidas em circunstâncias normais. Convém referir que isso não aconteceu durante a Guerra do Iraque, altura em que a Áustria encerrou o seu espaço aéreo. Na altura, os americanos não podiam sobrevoar a Áustria e tinham de fazer um desvio. Espero ter respondido a todas as perguntas.

2-030

Boguslaw Rogalski (IND/DEM). - (PL) Senhor Presidente, escutei com muita atenção o relato do Sr. Behari. Os senhores falaram aqui de três pessoas que foram detidas, três pessoas que visitaram a mesma mesquita na fronteira bósnia e, neste contexto, não consigo evitar um determinado pensamento. Isso faz-me lembrar, de certa forma, o depoimento de uma testemunha que ouvimos aqui no início do ano e que, aparentemente, também escolheu os Balcãs como destino das suas viagens. Estarão todos, com certeza, recordados desse caso. Para mim, é de facto muito estranho que as pessoas que são detidas pelos serviços secretos e são também suspeitas de actividades terroristas manifestem ou tenham manifestado um interesse tão extraordinário nos Balcãs e se desloquem a essa região.

Eis então a minha pergunta concreta: Sr. Behari, o senhor disse há pouco que - e passo a citar - "os serviços secretos austríacos receberam informações do FBI". Além disso, o senhor afirmou que "os americanos cooperam, de forma ilegal, com os austríacos". Foi isso que o senhor disse. Para um leigo e uma pessoa que foi detida por acaso, o senhor está muito bem informado sobre os serviços secretos e também sobre as suas actividades, como devo depreender da sua afirmação. De onde é que obteve essas informações e será que nos pode

contar mais alguma coisa sobre essa cooperação ilegal entre os serviços secretos americanos e austríacos de que falou? Terá feito as suas próprias investigações neste contexto ou essas informações provieram de terceiros dos quais o senhor se serviu simplesmente para transmitir estas informações? Essa frase foi extremamente importante. É que se, de facto, os serviços secretos americanos e austríacos colaboraram frequentemente de forma ilegal e se tiver provas disso, a nossa comissão gostaria de fazer uso delas.

2-031

Masaad Omer Behari, alegada vítima de entrega extraordinária. - (DE) Eis aqui as provas. Trata-se de documentos do Ministério do Interior austríaco. Eu requeri a nacionalidade austríaca, mas as autoridades austríacas recusaram o meu pedido, pois receberam informações da polícia de que eu seria um terrorista. Estão aqui os documentos que confirmam como é que os serviços secretos alemães, luxemburgueses e austríacos cooperam e combatem juntos o terrorismo. Isto confirma a ilegalidade das suas actividades. Foram as próprias autoridades que escreveram isto. Todas as pessoas aqui presentes podem receber uma cópia destes documentos e lê-los para ficarem a saber exactamente como é que as coisas funcionam.

2-032

Otmar Lahodynsky, jornalista, editor da revista "Profil". - (DE) Senhor Rogalski, o senhor mencionou o caso da Bósnia. Eu há pouco disse que, infelizmente, ainda não existem provas de que também possam estar envolvidos serviços secretos neste caso. Eu só disse que considerava estranho o facto de seis membros de uma mesquita, que se encontravam em viagem para Sarajevo, terem sido presos imediatamente a seguir à fronteira e permanecerem, desde então, detidos devido a acusações muito pouco transparentes.

Porquê a Bósnia e porquê o seu interesse pelos Balcãs? Nós sabemos perfeitamente que o cidadão alemão El Masri foi detido na Macedónia e, a partir daí, levado para o Afeganistão. A Bósnia tem interesse na medida em que se trata de um país cuja população é, em parte, muçulmana. Já na altura da guerra da Bósnia, vieram bastantes guerreiros do Médio Oriente para ajudar os muçulmanos a combater sobretudo o exército sérvio. A Bósnia é, por isso, muitas vezes notícia nos jornais, e é possível que este país tenha interesse para determinados serviços, na medida em que podem deter mais facilmente certas pessoas que por lá passam. Parece ser esse o caso.

Como já lhes disse, espero dentro em breve saber mais sobre este assunto. Quando essas pessoas forem libertadas - esperemos que rapidamente -, entrarei em contacto com elas e perguntar-lhes-ei se também foram interrogadas sobre os grupos islamitas em Viena ou se, de facto, só foram detidas por causa de uma rixa.

2-033

Giusto Catania (GUE/NGL). - (IT) Senhor Presidente, também eu quero exprimir a minha sincera solidariedade e agradecer a presença do Sr. Behari depois de tudo

aquilo por que passou. Julgo que a simples recordação desses acontecimentos lhe deve custar imenso. Gostaria apenas de formular algumas perguntas para compreender as circunstâncias em que ocorreu semelhante acto ilegal.

Em primeiro lugar, que relações existem entre a comunidade islâmica austríaca e as comunidades islâmicas nos restantes países europeus? Também existem relações com outras mesquitas no resto da Europa?

Em segundo lugar, quando foi libertado, deram-lhe alguma justificação? Disseram-lhe alguma coisa ou foi libertado sem qualquer justificação? Penso que também esta informação pode ser útil para compreendermos o que aconteceu.

Em terceiro lugar, tomei nota da reacção do Governo austríaco, mas gostaria igualmente de saber qual foi a reacção da opinião pública austríaca, também no que respeita à publicação dos artigos na imprensa? Tem conhecimento de outros casos de "entrega extraordinária" (*extraordinary rendition*) na Áustria?

2-034

Masaad Omer Behari, *alegada vítima de entrega extraordinária*. – (DE) Não houve qualquer justificação para a minha libertação. No primeiro dia da minha detenção informaram-me de que não me consideravam um terrorista, mas que precisavam de informações e que eu não tinha cooperado voluntariamente em Viena. Foi por isso que eu fui detido. Por não ter sido "bem comportado".

Um dos senhores perguntou há pouco de onde é que eu sabia se alguém era do serviço secreto luxemburguês, alemão ou austríaco. Eu tenho uma pessoa conhecida que vivia no Luxemburgo, um candidato a asilo tunisino de nacionalidade bósnia. O seu nome é Salimi Khalifi Muhammad. Os americanos e as autoridades luxemburguesas obrigaram-no a apanhar um avião para a Tunísia, juntamente com a sua mulher e os seus filhos. A mulher dele é de nacionalidade bósnia. Tanto quanto eu sei, ainda continua detido. Se ele fosse terrorista e era candidato a asilo no Luxemburgo, como é que lhe pôde acontecer uma coisa destas?

2-035

Otmar Lahodynsky, *jornalista, editor da revista "Profil"*. – (DE) De momento, não tenho conhecimento de quaisquer outros casos na Áustria. O senhor perguntou, porquê os Balcãs? Eu só sei que, no final dos anos noventa, também foi detido na Croácia um imã dinamarquês, um tal Sr. Talat, que depois foi expulso do país e transferido, com a ajuda dos americanos, para o seu país de origem.

Em relação à pergunta sobre a reacção do Governo austríaco às nossas reportagens, devo dizer que, basicamente, reagiram com silêncio. Os jornais diários noticiaram o assunto, mas ao que parece a reacção terá sido semelhante à das autoridades de segurança, pois o que disseram foi que se tratava de cidadãos estrangeiros raptados no estrangeiro, mas que não violaram

directamente a legislação austríaca. Se essas pessoas tivessem sido raptadas na Áustria, espero que a indignação tivesse sido maior - tal como aconteceu em Itália -, mas como foram detidas em Amã, a responsabilidade dos políticos austríacos é bastante limitada. Mas pode ser que agora ainda surjam algumas reacções.

2-036

Giusto Catania (GUE/NGL). – (IT) Eu perguntei que relações existem entre a comunidade islâmica na Áustria e as comunidades islâmicas nos restantes países europeus.

2-037

Otmar Lahodynsky, *jornalista, editor da revista "Profil"*. – (DE) Essa é uma pergunta muito específica. Receio que só lhes possa dar indicações muito vagas a este respeito. A comunidade islâmica mantém naturalmente contactos com outras comunidades islâmicas; de vez em quando organizam congressos e, sob a Presidência austríaca da União Europeia, houve uma grande conferência de imãs em Viena, na qual participaram convidados imãs do mundo árabe, designadamente também da Síria, que vieram a Viena falar, de um modo geral, sobre o diálogo inter-religioso. A nossa Ministra dos Negócios Estrangeiros, Sra. Plassnik, ficou muito satisfeita por se ter realizado esse diálogo, que também pretendia ser uma reacção à polémica em torno das caricaturas do profeta Maomé na Dinamarca, a qual coincidiu igualmente com a Presidência austríaca. O objectivo era apaziguar um pouco a situação, também com a ajuda da comunidade religiosa austríaca - que foi, aliás, quem recomendou parte dos imãs a serem convidados. De resto, não acredito que existam contactos particularmente estreitos; eles preocupam-se sobretudo com os cidadãos muçulmanos na Áustria, cujo número ascende a algumas centenas de milhares e que representam já a terceira maior comunidade religiosa na Áustria. A única coisa que tem sido criticada à margem é que talvez seja dada demasiada ênfase ao lado árabe, porque naturalmente residem muitos turcos na Áustria que também pertencem a esta comunidade religiosa. As comunidades turcas, porém, não estão muito interessadas em participar activamente nesta comunidade religiosa, excepção feita ao partido Milli Görüş. As outras associações turcas, de inspiração mais laica e secular, não têm qualquer interesse e não têm sequer direito de voto. Daí resulta o quadro de uma comunidade religiosa predominantemente liderada por árabes.

2-038

Ryszard Czarnecki (NI). – (PL) Senhor Presidente, V. Ex.^a ensina-me a ser paciente. Eu fui um dos primeiros a pedir a palavra, mas quero agradecer-lhe, pois a paciência é uma virtude que fica bem aos políticos. Gostaria de agradecer aos nossos convidados de hoje e, de um modo muito especial, ao Sr. Behari. Eu próprio estive na prisão quando foi imposta a lei marcial na Polónia e, por isso, compreendo-o muito bem. Muitos dos meus colegas foram espancados, o que não foi o meu caso, mas, ainda assim, gostaria de exprimir a minha solidariedade.

Tenho uma pergunta muito concreta – não se trata de um comentário, mas sim de uma pergunta concreta, que diz respeito ao momento da sua detenção em Amã. O senhor tinha um bilhete de avião para seguir no mesmo dia para a Europa, isto é, para a Áustria, ou só alguns dias mais tarde? Teriam os serviços secretos da Jordânia razões para afirmar que o senhor pretendia permanecer naquele país? O que me interessa é o dia para o qual foi emitido o bilhete de regresso com destino à Europa. Foi para o mesmo dia em que o senhor aterrou na Jordânia?

Segundo aspecto: a avaliar pelo seu depoimento, o envolvimento dos serviços secretos austríacos parece uma evidência. O que o senhor disse não constitui, porém, nenhuma prova. Embora possamos suspeitar de um envolvimento dos serviços secretos americanos, também não existe nenhuma prova disso. O facto de o senhor ter sido abordado por pessoas em língua alemã com sotaque americano aponta para que, muito provavelmente, isso não tenha acontecido por acaso, mas não é nenhuma prova. Assim sendo, não pode apresentar mais nenhuns indícios deste tipo.

E ainda um último aspecto para concluir: O senhor foi maltratado, eu partilho a sua dor e percebo perfeitamente que não consiga ser totalmente objectivo e reaja, com razão, de forma impetuosa. Eu respeito isso. Mas há uma coisa que me incomoda em relação ao que disse. O senhor contou-nos o que respondeu aos serviços secretos austríacos quando foi preso depois da tragédia que aconteceu nos Estados Unidos no dia 11 de Setembro. Na altura, o senhor respondeu - e foi você mesmo que o disse aqui - que não lhe interessava o que se passava nos Estados Unidos e que não sabia se os autores dos atentados tinham sido muçulmanos. A este respeito, gostaria de lhe dizer o seguinte: há um ano, o Paquistão foi abalado por um violento terramoto, uma catástrofe que nos consternou profundamente - pelo menos as pessoas na Polónia. Nós enviámos ajuda àquele país. Por isso, fiquei de facto muito surpreendido com a sua reacção. Gostaria de salientar que o senhor teve esta reacção antes de ser raptado e detido.

2-039

Presidente. – Senhor Czarniecki, agradeço-lhe o facto de ter sido paciente, porque de facto falou na sua vez. A regra que estabelecemos é dar a palavra a um representante de cada grupo pela ordem decrescente. Por lapso meu, dei primeiro a palavra ao Sr. Rogalski relativamente ao Sr. Catania porque não dispunha da inscrição do Sr. Catania. De resto todos os grupos seguiram a ordem decrescente de representatividade. Confesso também que, desta vez, as respostas têm sido um bocadinho mais prolongadas e que há colegas que já pediram a palavra há muito tempo e que só agora têm a oportunidade de o fazer. Já houve, aliás, colegas que saíram da sala antes de poderem fazer as suas perguntas. Têm agora a palavra os nossos convidados para responder.

2-040

Masaad Omer Behari, *alegada vítima de entrega extraordinária.* – (DE) Senhor Presidente, eu fui detido

directamente à saída do avião. Normalmente, eu deveria aguardar 90 ou 95 minutos na zona de trânsito. Eu tinha o meu bilhete à mão para entrar no segundo avião e prosseguir a minha viagem. Mas eles não me deram qualquer oportunidade. Foi assim que tudo começou.

No que diz respeito ao 11 de Setembro, se no dia 11 de Setembro aconteceu alguma coisa nos Estados Unidos ou aos americanos, isso não significa que eu tenha ficado contente por isso. Não é esse o caso. Mas eu sei que respondi dessa forma. É que, quando acontece algum mal aos americanos, os culpados são sempre, em primeira linha, os árabes e os muçulmanos. Foi por isso que eu disse que não tenho nada a ver com os americanos, nem como os Estados Unidos, e nem tão-pouco com os sudaneses. Não sinto nenhum prazer quando acontece alguma coisa a alguém.

Contudo, se os americanos invadem o Iraque e o Afeganistão e causam problemas, também eles terão problemas. Mas eu não planeei nada daquilo e não tenho qualquer interesse em que aconteça alguma coisa. Lamento profundamente.

Existem provas de que os americanos andam pelas ruas a suspeitar e a perseguir pessoas. Da primeira vez, encontrei um americano em Viena. Foi numa estação chamada Südtiroler Platz. Ele apressou-se para junto de mim e cumprimentou-me como é hábito em Viena, dizendo "Hi Omer" e estendendo-me a mão. Eu também lhe estendi a minha mão. Ele disse que nos conhecíamos. Eu perguntei-lhe de onde e disse-lhe que não nos conhecíamos. Ele respondeu: "Do Dubai, porque parte da minha família vive no Dubai". Naquela altura, entre 1999 e 2002, eu ia muitas vezes ao Dubai. Eu disse-lhe que não o conhecia. Ele respondeu que sim, que nos conhecíamos do Dubai devido àquela história do dinheiro! Eu perguntei-lhe de que história estava a falar. Eu não tenho dinheiro e não tenho conhecimento de nenhuma história dessas. No final, acabámos por concluir que não nos conhecíamos, mas que deveríamos cooperar para proteger os muçulmanos. Eu percebi que ele era americano e disse-lhe que queria viver descansado em Viena. Disse-lhe que eu não morava nos Estados Unidos e se ele tinha problemas com outros muçulmanos, então deveria procurar outra pessoa que cooperasse com ele, pois eu não estava interessado.

Entrei no metro seguinte e ele entrou depois de mim. Saí duas estações depois e ele também saiu. Eu perguntei-lhe: o que é que se passa, porque é que está a fazer isto? Ele ameaçou-me e eu continuei a andar. Eu percebi as suas ameaças e percebi o que ele me quis dizer. Eu sei muito bem distinguir um americano de um vienense. Não tenham dúvidas disso. Obrigado.

2-041

Presidente. – (EN) Quero agradecer aos nossos convidados os contributos que prestaram para o debate.

Dou assim por concluída a reunião de hoje.

(A reunião é encerrada às 11H00)

